

Quando velhas respostas já não satisfazem novas perguntas

30.03.2020

Estevan Felipe Pizarro Muñoz

Os pressupostos teóricos do liberalismo – pensamento dominante nas ciências econômicas –, nos proporcionaram importantes compreensões de mundo que potencializaram os sistemas de produção e circulação de mercadorias, mas ignoraram elementos essenciais em seu paradigma. Um desses mitos está na completa separação entre as relações ecológicas, sociais e econômicas. Se, por um lado, isso permitiu o fortalecimento dos modelos teóricos liberais (e neoliberais) por meio da econometria, por outro, criou uma falsa sensação de autonomia das relações econômicas em face das dimensões ecológicas e sociais. É como se a economia fosse uma dimensão isolada, sem interdependências com as outras esferas da vida.

Isso ajuda a explicar o porquê do comportamento atual das pessoas durante a pandemia do Covid-19 em todo o mundo e, mais especificamente, no Brasil. Estamos assistindo estarecidos ao posicionamento de autoridades públicas e de lideranças empresariais que se recusam a aceitar as evidências científicas e, pasmem, a própria experiência concreta de países como a Itália e Espanha, que se “recusaram a parar a economia” e hoje não conseguem parar de enterrar seus mortos. Para esses agentes, amparados na lógica do liberalismo econômico, a economia não tem nada que ver com os problemas ecológicos e sociais que afligem a humanidade e, portanto, “a economia não pode parar por conta de uma gripezinha” (sic).

Apesar das incessantes manifestações da comunidade científica sobre os insustentáveis modelos de produção e consumo engendrados pelo capitalismo, o cenário de crise civilizatória há muito tempo vem sendo empurrado para baixo do tapete da sala de visitas do liberalismo. Felizmente, a pandemia do Covid-19 se impõe como uma dura resposta para esse tipo de pensamento arraigado no conjunto da sociedade. São nestes momentos de aguda crise planetária, em que o óbvio se torna evidente a ‘olho nu’. Não, a economia não é e nunca foi uma esfera isolada em si mesma. Pelo contrário, a economia é uma das dimensões da vida e se as outras dimensões não vão bem, a economia também não irá.

Frente a esse cenário de crise civilizatória, inúmeros contramovimentos da sociedade civil organizada buscam proporcionar diferentes alternativas para a organização econômica da humanidade. No que se refere à temática da agricultura e da alimentação, é preciso ressaltar como as agriculturas familiares, camponesas e indígenas podem assumir um papel protagonista para auxiliar no abastecimento alimentar das sociedades crescentemente urbanizadas. Na América Latina é possível observar o amadurecimento de inúmeras experiências econômicas vinculadas a esses agentes sociais e que são responsáveis por parcelas não desprezíveis dos sistemas alimentares locais/regionais/nacionais.

Para além da criação de novos mercados competitivos de mercadorias como pressupõem o liberalismo, onde o objetivo central é o lucro privado máximo, as organizações econômicas das agriculturas familiares, camponesas e indígenas tem demonstrado uma preocupação muito maior pela interdependência com as outras dimensões da vida. Assim, a busca pela viabilidade multidimensional (social, econômica, ambiental, tecnológica e cultural) de suas organizações econômicas, se articula com os princípios políticos dos movimentos sociais,

onde bandeiras da agroecologia, da soberania alimentar e do *buen vivir* tem ganhado força e podem contribuir para o re-enraizamento dos mercados alimentares.

Será que já não passou da hora de repensarmos a lógica que rege a nossa economia e alterarmos também os pressupostos do nosso pensamento econômico dominante?